

CAPÍTULO 14

CONHECIMENTOS MUSICAIS SOBRE ORQUESTRAS SINFÔNICAS: OS LIVROS INFORMATIVOS E A FORMAÇÃO MUSICAL DE CRIANÇAS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.5171125050314>

Data de aceite: 17/11/2025

Joao Victor Bota

Daiana Camargo

RESUMO: Neste artigo, analisamos três obras de literatura infantil classificadas como livros informativos (GARRALÓN, 2015), com o objetivo de identificar representações de crianças e de conhecimentos musicais relacionados às orquestras sinfônicas. Partimos de uma breve reflexão sobre a relação entre a criança e o objeto livro, conceituando os livros informativos e discutindo aspectos como conteúdo, forma, repertório cultural e imagético, bem como os modos de apresentação do conhecimento. Abordamos as particularidades dos livros que tratam da constituição das orquestras, buscando identificar as estratégias utilizadas por seus autores e autoras para explicar o que são orquestras e quais instrumentos costumam estar presentes em apresentações e gravações desses grupos. As obras analisadas são contextualizadas no âmbito da formação de plateias para a chamada música de concerto, e discutimos possíveis influências de iniciativas oriundas do século XX voltadas à mediação

cultural nesse campo. A análise considera elementos como as relações entre texto e imagem, os repertórios musicais utilizados como exemplos (verificando se são disponibilizados e de que maneiras leitores e leitoras podem acessá-los) e as formas de organização desses exemplos musicais nas obras. A partir dessa abordagem, buscamos compreender como os livros informativos infantis podem contribuir para a aproximação desse público com o universo das orquestras sinfônicas, evidenciando as escolhas editoriais e pedagógicas que sustentam essa mediação.

PALAVRAS-CHAVE: Livro informativo. Infância. Música. Orquestra. Apreciação musical.

SYMPHONY ORCHESTRAS IN CHILDREN'S MUSICAL EDUCATION: THE ROLE OF INFORMATIONAL BOOKS

ABSTRACT: In this article, we analyze three works of children's literature classified as informational books (GARRALÓN, 2015), with the aim of identifying representations of children and musical knowledge about symphony orchestras. We begin with a brief reflection on the relationship between

children and the book as an object, conceptualizing informational books and discussing aspects such as content, form, cultural and visual repertoire, as well as the modes of presenting the knowledge. We then address the specific features of books dealing with the constitution of orchestras, seeking to identify the strategies used by their authors to explain what orchestras are and which instruments are commonly included in performances and recordings of these ensembles. The works under analysis are contextualized within the broader framework of audience development for so-called concert music, and we discuss possible influences of twentieth-century cultural mediation initiatives in this field. The analysis considers elements such as the relationships between text and image, the musical repertoires employed as examples (examining whether they are made available and how readers may access them), and the ways in which these musical examples are organized within the books. From this perspective, we aim to understand how children's informational books can contribute to bringing young readers closer to the world of symphony orchestras, highlighting the editorial and pedagogical choices that sustain this mediation.

KEYWORDS: Informational books; Childhood; Music; Orchestras; Music appreciation.

CONOCIMIENTOS MUSICALES SOBRE ORQUESTAS SINFÓNICAS: LOS LIBROS INFORMATIVOS Y LA FORMACIÓN MUSICAL DE LA INFANCIA

RESUMEN: En este artículo analizamos tres obras de literatura infantil clasificadas como libros informativos (GARRALÓN, 2015), con el objetivo de identificar representaciones de la infancia y de los saberes musicales relacionados con las orquestas sinfónicas. Partimos de una breve reflexión sobre la relación entre el niño y el objeto libro, conceptualizando los libros informativos y discutiendo aspectos como contenido, forma, repertorio cultural e imaginativo, así como los modos de presentación del conocimiento. Abordamos las particularidades de los libros que tratan de la constitución de las orquestas, buscando identificar las estrategias utilizadas por sus autores y autoras para explicar qué son las orquestas y qué instrumentos suelen estar presentes en presentaciones y grabaciones de estos conjuntos. Las obras analizadas se contextualizan en el ámbito de la formación de públicos para la denominada música de concierto, y discutimos posibles influencias de iniciativas de mediación cultural provenientes del siglo XX en este campo. El análisis considera elementos como las relaciones entre texto e imagen, los repertorios musicales utilizados como ejemplos (verificando si se ponen a disposición y de qué manera los y las lectoras pueden acceder a ellos) y las formas de organización de dichos ejemplos musicales en las obras. Desde esta perspectiva, buscamos comprender cómo los libros informativos infantiles pueden contribuir a la aproximación de este público al universo de las orquestas sinfónicas, evidenciando las elecciones editoriales y pedagógicas que sostienen dicha mediación.

PALABRAS CLAVE: Libro informativo. Infancia. Música. Orquesta. Apreciación musical.

COMO OS LIVROS INFORMATIVOS PODEM CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO MUSICAL DE CRIANÇAS?

Este artigo se estrutura a partir das reflexões de professores e pesquisadores das áreas da música e da pedagogia, analisando e discutindo três produções literárias para as crianças, concernentes aos livros denominados como informativos (GARRALÓN, 2000), a fim de identificarmos como é apresentado o conhecimento musical ligado ao que são orquestras e quais instrumentos comumente as integram, e às representações de crianças contidas nas publicações selecionadas. Neste escrito, olhamos cuidadosamente para as obras *How to Build an Orchestra [Como Montar uma Orquestra]*, da escritora Mary Auld e com Ilustrações de Elisa Paganelli, *My First Orchestra Book [Meu Primeiro Livro da Orquestra]*, de Genevieve Helsby e ilustrado por Karin Eklund, e *Conhecendo a Orquestra: Os Instrumentos*, de Marcos Arakaki e ilustrações de Amanda Melo Massa.

Quanto à escolha das obras apresentadas e discutidas neste artigo, justificamos que, devido à baixa publicação nacional e à escassez das traduções de obras que atendam às características de livros informativos, com a particularidade da formação musical e do entendimento da orquestra, analisamos dois livros publicados em língua inglesa e uma obra em nosso idioma e de publicação nacional.

Apresentamos algumas reflexões sobre os aspectos históricos referentes à formação de plateias da música de concerto, citamos elementos históricos acerca da formação musical infanto-juvenil, conceituamos crianças, literatura infantil e livros informativos (demarcando a relação da criança com o objeto livro) e nos dedicamos à análise de três obras de literatura infantil, com um olhar atento para as representações de criança e do conhecimento musical.

A FORMAÇÃO MUSICAL E A FORMAÇÃO DE PLATEIAS

Existem preocupações no campo da música de concerto com o que pode ser realizado para que mais pessoas sejam abrangidas e fidelizadas com as programações musicais. Uma discussão que frequentemente é feita pelas direções artísticas de grupos sinfônicos e outros meios expressivos ligados à música de concerto (em muitos casos extensível para outros tipos de apresentações correlatas, como as de ópera e de balé) é relativa à formação de plateias¹. Normalmente associados a teatros antigos e a públicos um tanto restritos, os grupos artístico-musicais recorrem a estratégias variadas para ampliar o número de frequentadores das salas de concerto e consumidores desse tipo de música. Focaremos em analisar de quais maneiras a música de concerto pode se aproximar de novos públicos por meio dos livros dedicados ao público infantil que discorrem sobre os meios expressivos sinfônicos.

1. A música de concerto com frequência é adjetivada como elitista, porém não está no escopo desta publicação relatar os longos embates envolvidos no que é a chamada formação de gosto dos ouvintes e se há alguma pertinência em afirmar que a música de concerto é feita por poucos e para poucos, uma vez que entendemos que essa discussão não é central para o presente artigo.

Com o intuito de sustentar a discussão teórica quanto à formação de plateias e identificar menções a participação (ao lugar ou não-lugar) das crianças, realizou-se um breve levantamento das publicações e verificamos um reduzido número de escritos (artigos, dissertações e teses) que abordam essa temática na área da música. O levantamento foi realizado com a utilização dos descritores “*formação de plateias*”, “*música*” e “*orquestra*” no portal Scielo, no catálogo de teses e dissertações da Capes e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Não foi delimitado um recorte temporal, devido à escassez de textos identificada desde as primeiras buscas.

Os trabalhos localizados são de diversas naturezas, datados de 2013 a 2021 e sem especificamente uma preocupação com a criança enquanto sujeito que circula e participa dos diferentes espaços sociais e culturais, podendo assim interagir e constituir-se parte de ações para a formação de plateia.

Título e autor	tipo	ano	análise
Formando plateias: significados estéticos de um concerto didático	Texto em anais de evento	2016	Sem menção à criança
Formação de público em eventos culturais: estratégias e fatores um enfoque nas experiências memoráveis	Texto em anais de evento	2017	Sem menção à criança
Música, patrimônio e formação de ouvintes	Artigo	2021	Discute a formação musical a partir do estágio supervisionado: uma menção à criança em “ampliação do repertório musical das crianças”
Cantando e tocando	Texto em anais de evento	2018	Menciona a criança no objetivo do projeto
O impacto de ações musicais na formação de plateia no contexto da Escola Estadual Euclides Figueiredo: palestras, oficina, recital e concerto didático	Dissertação	2019	Uma única menção à criança, na perspectiva histórica: “se ensinava às crianças a desprezarem o aprendizado musical, pois se constituía de arte exercida por escravos e prostitutas”.
Práticas de comunicação integrada na orquestra do Estado de Mato Grosso (OEMT) e formação de plateia para música de concerto	Dissertação	2013	Onze menções ao termo criança, apresentadas como participantes no quantitativo do público da proposta. Sem um aprofundamento quanto a ações e planejamento que considerem a criança como parte do processo formativo.
A orquestra vai à escola: os significados de um concerto didático para alunos da educação básica	Tese	2015	Nove menções às crianças, 8 delas em citações diretas sem aprofundamento do pesquisador quanto às crianças da escola/campo da pesquisa.

Quadro 1 - levantamento bibliográfico

Fonte: Organizado pelos autores

Constatamos que a formação de plateias é uma temática recorrente nas pesquisas que envolvem o teatro e, em alguns casos, a dança, com um número expressivo de teses e dissertações, evidenciando uma lacuna nesse tipo de pesquisa no campo da música.

Sabe-se que existem vários tipos de abordagem com o intuito em comum de aproximar as atividades das salas de concertos e de seus grupos sinfônicos de novas plateias: programas educativos, veiculados pela TV e por meios on-line; concertos didáticos (que, muitas vezes, intercalam o repertório musical propriamente dito com explicações feitas à plateia sobre aquilo que está sendo assistido); livros e outros tipos de publicações impressas. Tendo em vista que uma das vertentes utilizadas para a formação de plateias se faz a partir da aproximação de um público potencial — que são as pessoas mais jovens — nosso objetivo será analisar uma das maneiras que essas iniciativas de aproximar as crianças das atividades musicais das orquestras sinfônicas (e de seus subprodutos: as gravações desses grupos e as transmissões de concertos), feita com a ajuda da literatura.

Direcionamos, neste artigo, o nosso foco para três títulos da literatura infantil informativa que tratam das orquestras (e dos instrumentos que mais comumente as integram) e que dialogam com elementos da apreciação musical dos meios expressivos sinfônicos e, para isso, a seguir, trataremos de algumas influências que esses livros certamente tiveram de produções anteriores.

CONTEXTOS HISTÓRICOS E INFLUÊNCIAS

As preocupações com a formação e fidelização de plateias não é algo recente nos círculos da música de concerto. Podemos ver exemplos de iniciativas que vão ao encontro da ampliação do público frequentador de concertos e consumidor de seus subprodutos ao menos desde meados do século XX. Sabe-se que, muitas vezes, essas iniciativas de aproximação com o público são promovidas pelas próprias orquestras e pelos teatros que as abrigam. Os concertos didáticos estão entre os recursos mais frequentemente ligados à formação de plateias para a música de concerto. Os livros que analisamos neste artigo seriam integrantes, de certa forma, dessa abordagem que procura cativar um público novo desmistificando um suposto hermetismo existente nos repertórios sinfônicos. Nesse sentido, há casos históricos — como veremos, não apenas oriundos do universo literário — que valem ser mencionados porque foram bem-sucedidos (tiveram grande abrangência de públicos alcançados e ainda figuram, conforme cada caso, em livrarias, programações de salas de concerto e gravações) e contribuíram fortemente para moldar o que se vê hoje nos livros informativos sobre a música sinfônica destinados ao público infantil.

Dos livros que se inserem naqueles planejados para informar leitores que tenham afinidades com a música, podemos citar a iniciativa do compositor estadunidense Aaron Copland, que escreveu *What to Listen for in Music*². Trata-se de um livro destinado às

2. Cf. COPLAND (2009).

pessoas certamente interessadas em música de concerto, porém pouco familiares com o assunto. Publicado em 1939, o livro de Copland teve dezenas de edições e passou por revisões posteriores, e traduzido para diversos idiomas, inclusive para o português³, o que demonstra ter havido certa receptividade por parte dos leitores. Mesmo que seja possível perceber o intuito de Copland para se comunicar com leitores não-iniciados, devemos comentar que esse livro não era destinado especificamente aos públicos muito jovens e inexperientes em leitura, pelo contrário: trata-se de um título com mais de 250 páginas e com um amplo sumário de tópicos abordados (desde elementos constituintes do som até as formas musicais), com notável complexidade de redação e que, consequentemente, exige dos leitores certa proficiência em longas leituras.

Do repertório sinfônico criado especificamente para alcançar públicos jovens, a composição *The Young Person's Guide to the Orchestra* [Guia Orquestral para os Jovens] do inglês Benjamin Britten demonstra a preocupação de certos autores do próprio campo musical em criar subsídios que possam ser usados para divulgar do que se trata uma orquestra. Essa peça foi composta para integrar *The Instruments of the Orchestra* [Os Instrumentos da Orquestra], um documentário produzido em 1946 e destinado a exibições em escolas (COOKE, 1999, p. 243-244). Britten estrutura *The Young Person's Guide* na forma de variações baseadas em um tema de Henry Purcell, de maneira que todas as famílias de instrumentos sinfônicos — e seus respectivos integrantes — possam ser escutados em situações de destaque. Para ficar bastante evidente o que se assiste e se escuta, a composição conta com breves textos explicativos sobre os instrumentos que um narrador deve ler em momentos designados pelo compositor. *The Young Person's Guide* teve sucesso e sua sobrevida foi assegurada nas programações de concertos (não necessariamente didáticos) e a peça também foi abundantemente gravada, com ou sem a presença da narração (BRITTEN, 2004, p. V).

No meio televisivo é necessário mencionar o trabalho do compositor e regente estadunidense Leonard Bernstein, um músico considerado carismático e hábil comunicador em seu tempo, e que em diversos momentos de sua carreira esteve envolvido com projetos para levar a música de concerto a novas plateias. De 1958 a 1972, Bernstein apresentou 53 episódios da série *Young People's Concerts* [Concertos para a Juventude] com a Filarmônica de Nova York (uma orquestra que destinou repertórios inteiros a públicos juvenis, desde o século XIX), transmitidos pela CBS e, posteriormente, pela PBS, cujo alcance em termos de audiência está estimado na casa dos milhões de telespectadores, e que ainda são muito assistidos on-line, por estarem disponíveis em plataformas de streaming como o YouTube (PLATT, 2005).

Conforme será exposto adiante, essas produções precursoras deixaram marcas muito evidentes no entendimento dos autores cujos livros de literatura informativa sobre as orquestras foram selecionados para análise neste artigo.

3. Cujo título foi traduzido para Como ouvir e entender música. Cf. COPLAND (1974).

AS CRIANÇAS, A CULTURA E A LITERATURA INFANTIL

Historicamente, a criança foi considerada um ser de menor capacidade, compreendida sob a lógica adultocêntrica, numa perspectiva de *in-fans* (sem fala). Desta concepção, deriva a ideia de que a linguagem e os conhecimentos deveriam ser adaptados, a fim de que pudessem ser compreendidos. PEREIRA (2024) destaca que, neste mundo centrado nos adultos, as crianças são desconsideradas ou menorizadas (para as crianças, os termos utilizados são repletos de discursos naturalizados, vozes colonizadas, que ecoam em discursos com expressões diminutivas como *teatrinho*, *dancinha* e *musiquinha*).

Esta compreensão equivocada de criança reverberou nos comportamentos sociais, em espaços públicos, nas famílias e nos espaços educativos. Determinados lugares de convívio social não eram de acesso permitido às crianças, dentre eles teatros e demais espaços culturais.

[...] cinema, museus, bibliotecas públicas ou particulares, livros, centros de artes em geral, manifestações culturais urbanas – cada vez mais presente nas ruas dos centros urbanos e também das cidades do interior –, festas populares, relatos orais, experiências, música, brincadeiras, devem estar ao alcance de todos, pois são elementos culturais que podem e devem servir como pauta para uma educação que democratize a cultura colocando-a acessível às crianças (FREIRE, 2008 p.29)

Nesta perspectiva, a Sociologia da Infância nos ampara para discutirmos a superação da criança enquanto mero receptor, mas um ator em contínuo desenvolvimento, com opinião própria e pontos de vista e interpretações sobre si e sobre o mundo. Esta criança potente, criativa e curiosa, que participa e produz cultura, como defendem SARMENTO E THOMÁS (2020) e THOMÁS (2014), torna-se o leitor em potencial para os livros informativos, dialogando com as suas experiências e abrindo interlocuções com o mundo, nos diferentes tempos, espaços e temas.

Para além dos livros informativos, ressaltamos a particularidade de abordarmos a orquestra e a formação musical, considerando o direito da criança ao acesso à cultura, da circulação em diferentes espaços culturais, da construção de repertórios e da possibilidade de criação de meios de interlocução com seus pares, de produção de cultura infantil. Ao defender o direito das crianças à cidade (e por consequência à cultura). FREIRE (2008, p. 36) destaca que a criança não é somente receptora de produtos culturais, “sua forma de se relacionar com estes produtos adquire novos modos e reinterpretações, através do cruzamento de culturas e de significações construídas nas relações com os seus pares”.

Historicamente, os eventos ligados à música de concerto foram concebidos majoritariamente para um público adulto e instruído, com códigos de comportamento formais que, direta ou indiretamente, excluíam crianças da experiência musical sinfônica. Segundo KOLB (2002), as normas rígidas de silêncio, vestimenta e passividade do público

dificultam a aproximação de novos ouvintes, especialmente os mais jovens, que não se identificam com esse modelo de fruição artística.

Ao pensarmos a formação de plateias e o direito da criança à participação nos diferentes espaços sociais, a inserção do conhecimento musical a partir de obras literárias (aqui nos referimos especificamente aos livros informativos) pode indicar um caminho para que as crianças se apropriem dos conhecimentos socialmente construídos e das práticas (comportamentos) nos diferentes espaços de convivência e circulação da cultura. Entendemos a criança como um sujeito capaz de ir e vir nos mais diversos espaços sociais, aprendendo e se desenvolvendo integralmente.

Assim, ao compreendermos as crianças de outros modos, nos cabem outros materiais, outros livros. Entendemos que a literatura infantil é um recurso importante para a construção do conhecimento e para a ampliação dos repertórios criativo, imagético e linguístico das crianças. Nesse sentido, reafirmamos a ideia de FIGUEIREDO (2017): “ler com as crianças amplia suas possibilidades de participação na cultura escrita, de contato com os livros e a literatura, expande seu repertório simbólico, contribuindo para a sua produção de conhecimento e ampliação do seu entendimento de mundo”. Propomos, assim, uma análise de livros informativos que abordam as orquestras sinfônicas, pensando as suas possibilidades para o campo da música, além das interfaces entre a criança e a cultura.

OS LIVROS INFORMATIVOS E AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NO CAMPO DA MÚSICA

Dentre os diversos tipos de obras no campo da literatura infantil, os livros informativos são caracterizados por PAULINO (2000) como não ficção, de ação interlocutória informativa, implicando desenvolvimento intelectual e produção de conhecimentos (científicos, sociais ou de outra natureza). Os livros informativos são denominados por SORIANO (1975) como obras documentais, cuja função é a de ampliação do repertório cultural das crianças, para além dos conteúdos rígidos e tradicionais da escola.

PIMENTEL (2016) contribui para a delimitação conceitual, dizendo que os livros informativos se constituem como um meio para a veiculação de conhecimentos e conteúdos:

Os livros informativos vão desde os livros de conceitos iniciais feitos para bebês, com o vocabulário básico do seu cotidiano, como os livros sobre formas, tamanhos, contrários, cores e texturas, até dicionários, enciclopédias, almanaque e outras propostas [...] (PIMENTEL, 2016, p. 85).

A autora, ao discorrer sobre esse tipo de literatura, nos diz que os bons livros produzidos para crianças recorrem a recursos visuais e poéticos, ampliando o valor literário para além do informar. Nesta perspectiva, MARTINS (2022) defende que os livros informativos ou não ficcionais são lugares de experimentação, no qual observamos uma interação entre linguagens e textos.

A menção aos termos linguagens e textos, em uma perspectiva plural, nos possibilita o reconhecimento das diversas e diferentes formas de representação e expressão contidas no material impresso, desde o formato do livro, as cores, a ilustração até a compreensão dos conceitos e a qualidade do repertório apresentado.

GARRALÓN (2015), ao abordar o papel dos livros informativos, ressalta que este tipo de produção literária auxilia na ampliação da competência leitora das crianças, possibilitam uma aprendizagem ativa guiada pelos interesses do leitor, auxiliando na compreensão do mundo e potencializando a curiosidade. É sobre este leitor (estes leitores) — amparados pelo conceito de participação e na capacidade de produção de cultura do sujeito criança, pensando a produção de conhecimentos nas relações/interações com o objeto livro — que discorreremos a seguir.

Ao defendermos a utilização dos livros informativos e a sua importância enquanto espaço do conteúdo científico, do conhecimento construído e acumulado no processo de desenvolvimento da humanidade, defendemos também a potência do sujeito criança em compreender e interagir com o mundo, a partir do conteúdo dos livros.

AS ORQUESTRAS: REPRESENTAÇÕES EM LIVROS ESPECIALIZADOS

Como sabemos, orquestras sinfônicas são grupos integrados por instrumentos cujas origens e tradições remontam a alguns séculos. O número de músicos participantes das orquestras sinfônicas profissionais da atualidade e quais tipos instrumentos estarão presentes nos concertos e gravações podem variar bastante, e esses parâmetros são influenciados por muitos fatores e não exclusivamente os que a seguir enumeramos: períodos históricos em que determinado repertório foi composto; tamanho das salas e condições acústicas onde os concertos acontecem; diferentes abordagens musicológico-interpretativas (ao menos nas situações em que as partituras permitem certa flexibilidade quanto ao número e tipos de instrumentos que interpretarão determinado repertório); fatores econômicos. Então os referenciais bibliográficos que tratam das orquestras sinfônicas, seus instrumentos e repertórios, mesmo aqueles destinados aos leitores especializados, têm que lidar com muitas variáveis ao tratar desses meios expressivos instrumentais e necessitam delimitar claramente os recortes do que será examinado para que esses livros não arrisquem parecer incompletos ou generalistas demais⁴.

No caso dos livros infantis informativos sobre as orquestras, é natural que seus autores e autoras busquem tratar dos tipos e quantidades de instrumentos que consideram ser os mais representativos nos repertórios canônicos e disponíveis na maioria dos grupos profissionais — e mesmo assim podem ocorrer divergências nos entendimentos de quem

4. Dos livros para leitores especializados que tratam das orquestras sinfônicas e dos instrumentos que as integram, sugerimos alguns exemplos pontuais: sobre aspectos históricos da criação e desenvolvimento desses grupos, há títulos como CARSE (1967) e BLANNING (2011); para entender tanto as características físicas dos instrumentos como os usos feitos deles integrados em certos repertórios, temos títulos sobre instrumentação e orquestração como os de BLATTER (1997) e KEENAN (1996).

os redige sobre o que deveria ser tratado como informações essenciais quando se aborda esse tipo de assunto vasto.

ANALISANDO LIVROS INFORMATIVOS SOBRE ORQUESTRAS

O primeiro livro que analisamos, *How to Build an Orchestra*⁵, da escritora Mary Auld e com ilustrações de Elisa Paganelli, tem como mote o trabalho de um regente chamado Simon⁶ trabalhando em todas as etapas da produção de um concerto. Dessa maneira, as autoras criaram as oportunidades de explicar para os leitores e leitoras como funciona cada etapa da jornada de Simon e dos instrumentistas de sua orquestra.

Simon lidera o processo de seleção de integrantes para montar um grupo sinfônico e, para isso, promove audições — as quais são os tradicionais testes de instrumentistas que desejam ingressar em uma orquestra. Nessas audições retratadas no livro, são mostrados quais instrumentos participarão do processo seletivo (delimitados a partir das necessidades do repertório que o regente planeja apresentar) e as principais características físicas deles.

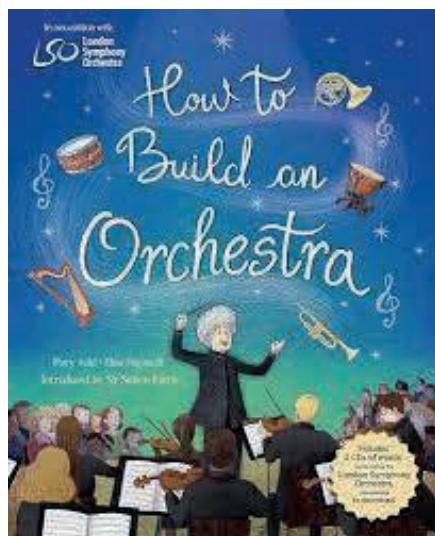


Figura 1 – *How to Build an Orchestra* (capa)

Fonte: LSO Homepage (<https://lsolive.lso.co.uk/collections/books-1>)

O livro descreve, também, como acontecem os ensaios de duas peças: O *Bolero* de Maurice Ravel e a *Sinfonia N.º 6 "Pastoral"* de Ludwig van Beethoven. Com isso, é possível que a autora explique do que se tratam essas composições. Os exemplos fornecidos, que

5. Cf. AULD (2024).

6. O personagem é uma referência a Sir Simon Rattle (1955), regente que prefaciou o livro analisado nesta seção do artigo. Rattle foi diretor da Berliner Philharmoniker de 2002 a 2018 e dirige atualmente a London Symphony Orchestra (LSO), que endossa o livro. Além de trabalhar com grupos sinfônicos profissionais, Rattle também rege grupos juvenis em eventos pedagógicos e está frequentemente envolvido com projetos de formação de plateia.

estão contidos nas faixas de 32 a 37, são excertos curtos do *Bolero* e dos cinco movimentos da Sinfonia N.º 6. No capítulo *The Great Night [A Grande Noite]*, o livro traz um roteiro visual para cada uma das peças escolhidas para o repertório do concerto. As faixas de 38 a 43 contém, por sua vez, as peças *Bolero* e *Sinfonia N.º 6* gravadas integralmente.

Na obra *How to Build an Orchestra*, a ilustradora Elisa Paganelli apresenta os membros da orquestra como personagens adultos, desenhados com traços suaves, definindo as características de cada um dos músicos (detalhes de olhos, tons de pele e cabelo) que trazem diversidade étnica à obra. As cenas são cuidadosamente ilustradas, com imagens em planos de fundo que complementam a narrativa textual — pessoas dançando, paisagens e outros recursos —, além de as ilustrações conterem toques coloridos e elementos gráficos estrategicamente inseridos junto aos instrumentos, dando ao leitor a sensação de que há música naqueles ambientes.

O segundo livro é intitulado *My First Orchestra Book*⁷, de Genevieve Helsby e ilustrado por Karin Eklund, e nele temos o personagem Tormod, o Troll, uma figura de ar juvenil que, por amar música e enfrentar certa escassez de repertório na montanha norueguesa em que vive (esta é a deixa para a autora apresentar a primeira faixa do CD: temos na indicação de escuta a música do também norueguês Edvard Grieg *Na Gruta do Rei da Montanha* — da *Suite N.º 1 de Peer Gynt*), decide explorar o mundo em busca de outras opções musicais para escutar. Nisso, Tormod encontra uma orquestra, fica fascinado por ela e, sem maiores explicações, se vê preso a ela. Na verdade, o que parece acontecer com o personagem principal é um impasse, e a questão que o troll tem em mente poderia ser: como explicar o que ele viu e ouviu quando retornar para casa e reencontrar a família e os amigos? Dessa maneira, a autora do livro pode apresentar as descobertas orquestrais do pequeno ser mítico ávido por música. Não se sabe, ao certo, o que aconteceu, mas Tormod retorna para o seu lar munido de instrumentos sinfônicos, recebidos e testados com entusiasmo pela maioria de seus entes próximos.

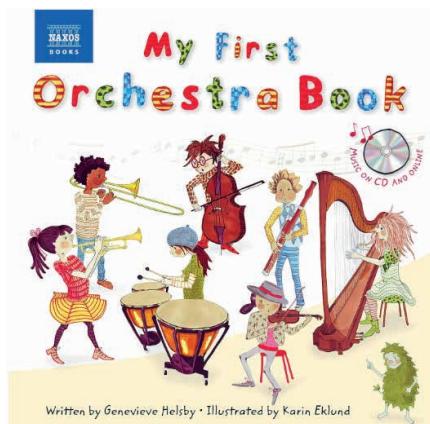


Figura 2 – *My First Orchestra Book* (capa)

Fonte: Naxos books and ebooks (<https://www.naxos.com/classicalmusicbooks>)

7. Cf. HELSBY (2019).

A narrativa visual de Karin Eklund traz o personagem Tormod e a sua interação com crianças e instrumentos musicais. Há uma diversidade de crianças representadas na obra, meninos e meninas, crianças de diferentes etnias e modos de vestir, colocando a criança enquanto o sujeito que interage com os instrumentos musicais, a representação do adulto é encontrada na ilustração do regente que aparece nas páginas 17 e 56. Há um fio condutor da história, pautado no interesse do troll pela orquestra. Embora os instrumentos sejam apresentados um a um no decorrer do livro, a interação de Tormod conecta textos e imagens. As ilustrações, na maioria das páginas, representam os músicos, os instrumentos e o personagem principal, que funciona como um narrador (acompanhados dos textos explicativos) sem um plano de fundo, sem uma paisagem como propõe Elisa Paganelli na obra analisada anteriormente.

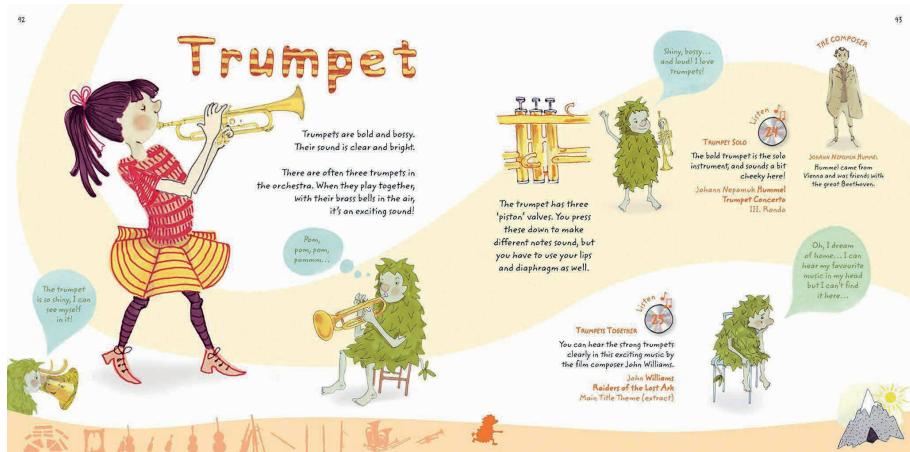


Figura 3 – *My First Orchestra Book* (p. 42-43)

Fonte: Naxos books and ebooks (<https://www.naxos.com/classicalmusicbooks>)

No livro *Conhecendo a Orquestra: os Instrumentos*⁸, temos um breve convite, feito por um pai ao filho Guga, para a criança conhecer uma orquestra. O breve diálogo da página 4 é retomado apenas na página 41, onde pai e filho, felizes, combinam ir assistir a um concerto. No restante da obra, subentende-se que o personagem Pai, ainda que ausente das ilustrações dos instrumentos da orquestra, cumpre a função de mediador do conhecimento musical: é como se explicasse a Guga as características desses instrumentos, propondo perguntas que instigam o filho (e os leitores) a explorar mais profundamente os naipes e famílias da orquestra.

8. Cf. ARAKAKI (2021).



Figura 4 – *Conhecendo a Orquestra: os Instrumentos* (capa).

Fonte: Homepage do autor do livro, o regente Marcos Arakaki (https://marcosarakaki.com.br/editorial_conhecendo_a_orquestra.pdf)

A obra de Marcos Arakaki apresenta um formato diferente dos outros títulos analisados. O livro tem formato quadrado, em tamanho menor e com menos páginas, se comparado aos outros dois livros analisados. Os textos estão grafados em letras maiúsculas. A tipografia adotada pode facilitar a leitura de crianças menores, porém algumas páginas exibem um excesso de informações, devido ao extenso texto que ocupa boa parte do espaço.

Quanto à ilustração, o livro apresenta personagens adultos, o regente e os músicos, atendendo a aspectos como a diversidade étnica, encontrada nos diferentes tons de pele, cabelos e traços étnicos dos personagens.

Mesmo com as qualidades do texto e da representação visual dos instrumentos, aspectos estético-visuais não são o ponto forte do livro de Arakaki, com fragilidades no projeto gráfico, como discute PAIVA (2016 p. 36) ao abordar a “qualidade estética das ilustrações, a articulação entre as linguagens verbais e visuais; o uso de recursos gráficos adequados a crianças na etapa inicial de inserção no mundo da escrita”. Destaca-se, contudo, a importância de um material produzido por um regente e escritor brasileiro, considerando as especificidades do mercado editorial nacional, que envolvem desde os custos de produção e os obstáculos quanto ao acesso aos livros e o hábito de leitura.

No que diz respeito às características de um livro informativo e às particularidades das obras literárias para crianças, o livro cumpre as propostas de informar e de instigar o leitor.

Em relação aos exemplos musicais, logo nas primeiras páginas do livro *How to Build an Orchestra* há um link (por extenso e no formato QR Code) para que leitores e leitoras possam acessar uma lista de reprodução que contém os exemplos musicais em áudio citados ao longo da publicação. Os exemplos específicos para cada trecho da narrativa aparecem em destaque em determinadas páginas, com um pequeno texto que propõe a escuta, ressalta algumas informações sobre o que será escutado e ainda sugere algum tipo de atividade, conforme será examinado a seguir.

Escute Faixa 1: *Sinfonia N.º 4 “Italiana”* é uma bela peça musical escrita para orquestra por Felix Mendelssohn. Aqui a Orquestra Sinfônica de Londres toca a primeira seção ou movimento. Veja se você consegue movimentar suas mãos juntamente com a música. (AULD, 2024, p. 5).

A palavra “escute” aparece graficamente destacada e seguida pelas indicações do título e subtítulo da peça do compositor acima mencionado. No caso das faixas de 2 a 6, há uma proposta de atividade mais elaborada:

Escute Faixas de 2 a 6: esses são excertos de cinco peças. Escute-os e decida qual deles Simon está escutando nas figuras acima. É claro que alguns podem corresponder a mais de uma coisa. Encontre os nomes das peças e dos compositores no fim do livro. (AULD, 2024, p. 7).

O texto de indicação de escuta destacado no canto da página 7 faz referência às cinco figuras encontradas nas páginas 6 e 7, que retratam Simon com diferentes expressões faciais e posturas corporais, como apresentamos na figura 5:



Figura 5 – *My First Orchestra Book* (p. 6-7)

Fonte: AULD, 2024, p. 6-7

Na segunda delas, por exemplo, Simon é visto aos prantos, com algumas folhas (deduzimos ser partituras, pois as vemos mais claramente em outras duas figuras presentes na mesma página, nas quais o conteúdo impresso é visível para leitores e leitoras) seguradas junto ao peito pela mão esquerda e antebraço do personagem. A expressão de Simon sugere que ele havia acabado de ler alguma música, contida naquelas folhas que parcialmente abraça, que o fez chorar. Complementando essa cena, Simon pega com a mão direita lenços de papel oferecidos por uma mão solidária que surge de fora da cena, com os quais possivelmente o regente enxugará as lágrimas vistas saltando de seu rosto.

Para não haver equívocos, o texto que lemos ao lado direito dessa figura diz “música que te faz chorar...”. As reticências estão presentes nas quatro primeiras das cinco sentenças que mostram a continuidade do percurso de Simon por diferentes situações e emoções causadas por músicas diversas (AULD, 2024, p. 6).

As imagens apoiam e esclarecem o texto — como defende GARRALÓN (2015) — pois observamos uma relação entre a ilustração e o tema tratado, há elementos da ilustração que auxiliam o leitor a identificar as emoções vividas por Simon: a mão que apoia (com o lenço); os elementos gráficos (espirais e traços) que acompanham a representação da alegria do personagem e sugerem movimento e musicalidade. Ao refletirmos sobre as emoções expressas nas imagens, buscamos aporte em RAMOS, PANIZZO E ZANOLLA (2011) ao defenderem que as linguagens, sejam de caráter verbal ou visual, funcionam como referência de manifestação cultural, permitem a inserção de significados do universo apresentado (aqui os da música e da orquestra) além de possibilitarem uma experiência sensível, sendo que estas múltiplas dimensões auxiliam para o leitor atribuir sentido à obra, ao texto.

As indicações de escuta do livro *My First Orchestra Book*, por sua vez, aparecem identificadas com um desenho de um CD do qual emanam figuras musicais, o número da faixa especificado, o termo “Escute” e, geralmente, outras indicações textuais — como o nome do compositor, o título da peça e uma breve explicação. O livro contém um CD anexado na contracapa e disponibiliza o mesmo repertório desse disco em uma lista de reprodução acessível por um endereço eletrônico especificado pela editora⁹. (HELSBY, 2019).

My First Orchestra Book usa estratégias bastante tradicionais de livros sobre os instrumentos orquestrais, inclusive presentes naqueles de usos profissionais, ao mostrar os integrantes do efetivo sinfônico agrupados em famílias e subdivididos dentro dessas conforme as regiões da tessitura em que esses instrumentos atuam. O ponto de partida é o interesse por música do personagem Tormod, o Troll que vive nas montanhas, e a exemplificação do repertório que ele conhecia, conforme mencionamos no item anterior, da música de Grieg. O livro também descreve os instrumentos em seus papéis mais

9. Por se tratar de um livro publicado pela Naxos Books, as músicas selecionadas integram o catálogo da gravadora Naxos.

estereotipados e sem maiores delongas. Afirma, por exemplo, nas classificações contidas em um desenho que a autora e a ilustradora chamaram de *Árvore das Alturas* (que esquematiza as relações entre os instrumentos sinfônicos de cordas friccionadas) na qual se leem “Violinos: agudos, no topo! Cellos: mais graves e apoiadores” (HELSBY, 2019, p. 21).

O livro ainda aborda assuntos correlatos, como breves informações biográficas sobre alguns dos compositores cujas músicas exemplificam o livro, cumprindo a função de informar, “de colocar determinados conhecimentos ao alcance do público não especialista” (GARRALÓN, 2015 p.38). Um dos contemplados é Giovanni Bottesini, e na explicação existente ao lado de uma caricatura desse compositor lemos: “Bottesini foi um brilhante contrabaixista. Suas músicas mostram o que esse instrumento enorme pode fazer sozinho.” Essas informações complementam, de certa forma, o fragmento musical que será escutado na faixa 12 da lista de reprodução: *Concertino em Dó Menor — Finale*. (HELSBY, 2019, p. 29).

O livro de Genevieve Helsby ilustrado por Eklund também contém soluções criativas, como a explicação das cores — ou timbres — instrumentais comparando-os a uma paleta com diferentes pigmentos ao comentar sobre os instrumentos da família das madeiras. Outro é o capítulo dedicado aos instrumentos menos comuns em orquestras, num breve capítulo chamado *Part-Time Members [Integrantes Temporários]* (HELSBY, 2019, p. 54-55). Tais recursos respeitam os conhecimentos prévios dos pequenos leitores, permitindo associações (paleta de cores) e a construção de outros conhecimentos, apresentando os instrumentos em sua totalidade e complexidade, sem a fragmentação das explicações nem a minimização das informações.

Mesmo que tenha alguns problemas no enredo, o livro apresenta conteúdos musicais na maioria satisfatórios. Um elemento textual não visto com frequência em outros livros do mesmo tipo é a presença de um teste presente na parte final do livro, com vinte questões de múltipla escolha bastantes simples, com três alternativas cada (HELSBY, 2019, p. 60-61).

No livro *Conhecendo a Orquestra: Os Instrumentos* identificamos alguns problemas relacionados aos exemplos musicais. O autor optou por utilizar uma lista de reprodução com vídeos do YouTube selecionados por ele. Há ótimos intérpretes e gravações muito boas nessa seleção, mas pelo fato de serem vídeos postados por terceiros, o autor corre o risco que, com o passar do tempo, certos vídeos sejam retirados da plataforma de streaming (por iniciativa de quem os postou ou mesmo em função de questões ligadas aos *copyrights*). Além disso, não há, dessa maneira, padronização quanto às durações e qualidades técnicas dos vídeos em si. O autor, por ser também um regente, poderia resolver esses problemas disponibilizando vídeos próprios, sobre os quais tenha maior controle. O autor também sugere que leitores e leitoras possam fazer buscas no YouTube a partir dos títulos das obras sugeridas ao longo do livro e identificadas visualmente pelos ícones de alto-falante (ARAKAKI, 2021, p. 4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos obras literárias destinadas ao público infantil, é importante demarcar que entendemos a criança como um sujeito, a partir de uma perspectiva social e histórica, como produtora de conhecimento e cultura, respaldados nos princípios da Sociologia da Infância (SARMENTO E TOMÁS, 2020).

Os livros informativos (e outros) devem superar a compreensão de literatura infantil como sinônimo de facilitação, por ser fundamental que as crianças tenham acesso a diversas linguagens, que possam contribuir para a organização de modos de ser e estar no mundo, como destacam BELMIRO E GALVÃO (2017). As autoras ainda discutem ações como escalonamento etário, simplificação de linguagens, número de páginas, ressaltando que para muitos autores e ilustradores se mantém a concepção de uma literatura infantil inocente, que diverte e possibilita a brincadeira. Tais considerações podem ser relacionadas à ausência de conhecimentos quanto aos conceitos de crianças e infâncias, que impactam no entendimento sobre crianças na contemporaneidade.

Neste sentido, olhamos para os livros informativos — aqui especificamente três livros que tematizam a orquestra — e identificamos que as crianças são representadas considerando a diversidade étnica e cultural, além de contemplarem personagens com deficiência.

Amparados nos escritos de GARRALÓN (2015), consideramos que os livros analisados apresentam qualidade visual, textual e de conhecimento musical apresentado, respeitando a capacidade dos pequenos de interagirem com o livro e produzir outros conhecimentos. As obras permitem que as crianças acessem (via CD, indicação de site e QR Code) os repertórios citados, viabilizando outras informações e a construção de conhecimentos. A linguagem utilizada nos livros é clara e coerente, valorizando a capacidade leitora e de entendimento das crianças, sem a minimização ou o enfraquecimento do conteúdo científico, atendendo aos princípios definidos pela autora para um bom livro informativo: são claros, rigorosos e acessíveis. As ilustrações assumem características informativas e explicativas, com cuidado estético tanto na representação dos personagens quanto dos instrumentos musicais.

Consideramos, assim, que os livros *How to Build an Orchestra* e *My First Orchestra Book* possibilitam o que GARRALÓN (2015) denomina como aprendizagem livre, aquela guiada pela curiosidade pessoal, provocando a pergunta, elemento essencial para a produção de conhecimentos. Recursos como índices, glossários e apêndices são utilizados por autores e ilustradores nos dois livros, permitindo ao leitor a apropriação do conteúdo do texto e a geração de novos conhecimentos a partir das referências e recursos indicados.

Destacamos, dessa maneira, que os livros informativos podem ser meios para a ampliação dos conhecimentos musicais das crianças, pois as obras analisadas nos apresentam conteúdos relevantes, formas visualmente instigantes, constituindo materiais potentes para pensarmos a interlocução entre literatura e música como a elemento cultural, e indica a potência de análise futura com relação à formação de plateias.

REFERÊNCIAS

- ARAKAKI, Marcos. **Conhecendo a orquestra: os instrumentos.** São Paulo: Edição do Autor, 2021.
- AULD, Mary. **How to build an orchestra.** Ilustrações de Elisa Paganelli. Northampton: Crocodile Books, 2024.
- BELMIRO, Celia Abicalil; GALVÃO, Cristiene Leite. **O que faz de um livro um produto infantil?** In: LIMA, Erica; FARIAS, Fabiola; LOPES, Raquel. (Orgs.) **As crianças e os livros: Reflexões sobre a leitura na primeira infância.** Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017.
- BLANNING, Tim. **O Triunfo da Música.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BLATTER, Alfred. **Instrumentation and orchestration.** Nova Iorque: Longman, 1997.
- BRITTON, Benjamin. **Orchestral anthology:** volume 1 (The Masterworks Library). Londres: Boosey & Hawkes, 2004.
- CARSE, Adam. **The history of orchestration.** Nova Iorque: Dover, 1967.
- COOKE, Mervyn (ed.). **The Cambridge Companion to Benjamin Britten.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- COPLAND, Aaron. **Como ouvir e entender música.** Tradução de Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- COPLAND, Aaron. **What to Listen for in Music.** Revised ed. New York: New American Library, 2009.
- FREIRE, Eliane Fazolo. **Pelas telas de um aramado:** educação infantil, cultura e cidade. 2008. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- GARRALÓN, Ana. **Ler e saber: Os livros informativos para crianças.** 1ed. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.
- HELSBY, Genevieve. **My first orchestra book.** Ilustrações de Karin Eklund. Londres: Naxos Books, 2019.
- KEENAN, Kent W. **The technique of orchestration.** 5th edition. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1996.
- LEVINE, Robert. **A child's introduction to the orchestra.** Ilustrações de Meredith Hamilton. Nova York: Black Dog & Leventhal, 2019.
- MARTINS, Marcus. Entrevista. Informação, sensibilidade, livros informativos: muito além dos didáticos. Blog Companhia das Letras, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6257/informacao-sensibilidade-livros-informativos-muito-alem-dos-didaticos>. Acesso em: 13 mai. 2025.

PAIVA, A. Livros infantis: critérios de seleção - as contribuições do PNBE. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Coleção leitura e escrita na educação infantil**.1 ed. v. 8. Brasília: 2016.

PAULINO, Graça. Diversidade de narrativas. In: PAIVA, A. et al. (Orgs.). **No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 71-76.

PLATT, Russell. Bernstein for Kids. **The New Yorker**, Nova York, 30 maio de 2005. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2005/05/30/bernstein-for-kids>. Acesso em: 26 mai. 2025.

PIMENTEL, Claudia. E os livros do PNBE chegaram... Situações, projetos e atividades de leitura. In: **Livros infantis: acervos, espaços e mediações** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2016.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANZZO, Neiva; ZANOLLA, Taciana. Imagem e palavra na leitura de narrativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 245-262, jan./jun. 2011. DOI: 10.5007/2175-795X.2011v29n1p245 Acesso em: 1 ago. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto.; TOMÁS, Catarina. A infância é um direito? **Sociologia**, Porto, n. temático 10, p. 15-30, dez. 2020. Acesso em: 17 mai. 2025. <https://doi.org/10.21747/08723419/soctem2020a1>.